

**QUANTOS ESTILOS PODE HAVER EM UM MESMO COMPLEXO RUPESTRE?
CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS PINTURAS RUPESTRES DO DISTRITO DE TABOCO,
MUNICÍPIO DE CORGINHO (MS)**

**Rodrigo Luiz Simas de Aguiar
Keny Marques Lima**

RESUMO

Na região do Taboco, município de Corguinho, estado do Mato Grosso do Sul, ocorrem conjuntos de pinturas rupestres em uma peculiar profusão de estilos. Os grafismos incidem em cavernas e abrigos situados próximos a fontes de água e agregam elementos que estilisticamente guardam semelhanças com as tradições *Agreste*, *Nordeste* e *Planalto*. Predomina a monocromia, principalmente pelo uso do pigmento branco, contudo, em alguns painéis, constata-se o recurso da policromia. Esta grande diversidade estilística veio acrescentar novas variáveis ao conhecimento da arte rupestre que ocorre na região centro-norte de Mato Grosso do Sul, especialmente nas áreas de transição entre as terras altas das serras e mesetas e a planície pantaneira. O artigo que segue apresenta para discussão os dados registrados em pesquisa de campo na região do Taboco.

PALAVRAS-CHAVE: Arte rupestre, análise estilística, Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

In Taboco, region of Corguinho city – Mato Grosso do Sul State – rock painting panels occur in a particular profusion of stiles. The graphic representations were made on caves and shelters near of water source and show patterns from three different tradition stiles called *Agreste*, *Nordeste* and *Planalto*. The monochrome in white color is dominant but in some panel polychromic representations take place. This great stylistic diversity brings new variants to the knowledge of rock art on middle-northern region of Mato Grosso do Sul, in particular on the transition area between highlands and Pantanal plateau. The following article takes to discussion all data registered by field work in Taboco region.

KEYWORDS: Rock Art, stylistic analysis, Mato Grosso do Sul State (Brazil)

INTRODUÇÃO

O Mato Grosso do Sul está inserido dentro do contexto arqueológico estabelecido para todo o Brasil Central. As primeiras pesquisas arqueológicas que auxiliaram na constituição de um panorama da arqueologia destas terras do Centro-Oeste foram desenvolvidas pelas equipes do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás; antiga Universidade Católica de Goiás, UCG), da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB). Soma-se a isso o esforço de pesquisadores de instituições locais, que vieram a ampliar sobremaneira o conhecimento inicialmente gerado. Em Mato Grosso do Sul, além dos estudos desenvolvidos pelas instituições pioneiras, merecem destaque os trabalhos que estão sendo encabeçados pelos pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). As pesquisas empreendidas pela equipe da UFMS, coordenadas por Gilson Rodolfo Martins e Emilia Mariko Kashimoto, elucidaram aspectos importantes sobre o povoamento da região, especialmente acerca da ocupação das margens do Rio Paraná. Já a arqueologia pantaneira conta com as pesquisas desenvolvidas por Jorge Eremites de Oliveira (UFGD) e José Luiz dos Santos Peixoto (UFMS), que ampliaram o conhecimento inicialmente estabelecido pela equipe do IAP por meio do Projeto Corumbá.

Com base nestes estudos, sabe-se que a ocupação humana no estado recua seguramente mais de 10 mil anos (SCHMITZ, 2005). Em publicação recente, Gilson Rodolfo Martins e Emilia Mariko Kashimoto (2012) propõem 12 mil anos para o início do povoamento de Mato Grosso do Sul. Os primeiros habitantes foram pequenos grupos de caçadores e coletores que transitavam por um ambiente ainda em transformação e não totalmente igual ao que hoje presenciamos. Durante este período do Holoceno, entre 10.500 e 7.250 AP (anos Antes do Presente), o clima frio e seco do final da glaciação, em que predominava a megafauna, vai lentamente ceder lugar a um ambiente mais tropical (SCHMITZ, 1980; SCHMITZ, 1999). A transformação do ambiente culmina com a expansão do cerrado a partir de 6.500 AP.

Os primeiros povos caçadores e coletores que transitavam pelas terras do Centro-Oeste no holoceno antes do ótimo climático foram classificados genericamente dentro da tradição arqueológica denominada *Itaparica*. Algumas transformações ocorridas na cultura material entre 6 e 4 mil anos atrás levou a propor uma nova classificação, denominada tradição Serranópolis (SCHMITZ, 1999). Também seguiram ocupações cerâmicas pelo território, desde 4 mil AP até o período colonial. A mais antiga destas tradições cerâmicas é a *Una*, seguida pelas Aratu-Sapucaí, Uru e Tupiguarani. Esse brevíssimo panorama nos dá uma ideia inicial do pano de fundo que cerca a arte rupestre no Mato Grosso do Sul.

Apesar de se ter um panorama da ocupação humana, relacionar a arte rupestre com povos enquadrados dentro destas chaves classificatórias denominadas “tradições” nem sempre é possível. Na verdade, variações estilísticas regionais dificultam a associação direta entre arte rupestre e as populações pré-históricas. As escavações arqueológicas em áreas de ocorrências rupestres é o primeiro passo para estabelecer este tipo de associação, bem como uma cronologia de ocupação. Contudo, poucas são as equipes que podem contar com recursos financeiros para tanto. Mesmo assim, não há garantias de que as escavações possam trazer respostas imediatas para a arte rupestre. Diante de todas essas dificuldades, o primeiro passo é o registro dos sítios de arte rupestre e sua publicação, o que propiciará discussões mais amplas e acerará o contexto rupestre local ao cenário nacional. Os dados publicados auxiliam outros pesquisadores que investigam contextos análogos, permitindo elucidar questões fundamentais para as hipóteses em teste.

No caso do complexo rupestre da região do Taboco, predominam as pinturas rupestres em uma peculiar profusão de estilos. As características ambientais podem ter sido determinantes para a ocupação das margens de córregos menores. Ocupando as cavernas e abrigos locais, seja para fins cerimoniais ou na forma de acampamento sazonal, as populações da pré-história deixaram o registro de sua passagem por meio dos grafismos rupestres. Nesse artigo, o termo “complexo rupestre” foi adotado para designar uma área com diversas ocorrências de sítios de arte rupestre, muito próximos entre si e que compartilham o mesmo entorno ecológico adjacente. As características da região e do complexo rupestre estudado serão apresentadas a seguir.

TABOCO – PAISAGEM E RECURSOS NATURAIS

O complexo rupestre estudado está localizado na área do córrego Taboca, cujas águas irão alimentar o Rio Taboco. Trata-se da última franja de serra antes da planície pantaneira e desde onde se pode avistar toda a vastidão do Pantanal. Esta área de transição abrupta entre as mesetas serranas e as terras baixas de alagamento mostra-se diversificada em cobertura vegetal, intercalando áreas de Cerrado com bolsões florestais que muito lembram a Mata Atlântica. Dessa forma, somando-se ao Pantanal, este ambiente revela uma enorme biodiversidade, abundante em recursos alimentares. Além da caça, estas populações poderiam contar com a coleta de frutos, gênero copioso nesta área. Contudo, esta realidade corresponderia mais a um período posterior ao ótimo climático, já que desconhecemos como seriam com precisão as características ambientais dessa região em específico em eras anteriores ao Holoceno.

Esse ambiente farto em recursos alimentares é ainda complementado por rios piscosos, propiciando aos remotos grupos humanos uma dieta diversificada. Com efeito, elementos da fauna aparecem representados na arte rupestre de toda a região, como cervídeos, tatus, quelônios, felinos e outros quadrúpedes, bem como aves, peixes e répteis.

A área de ocorrência da arte rupestre se dá próximo a fontes de água potável: nascentes e olhos d'água que alimentam o córrego Taboca. Esse recurso, tão essencial para os assentamentos humanos, ali vai ocorrer contiguamente às cavernas e abrigos. Em todo esse maciço serrano que vai deitar sobre a planície pantaneira abundam tais formações geológicas, especialmente as de arenito onde, com efeito, foram executados os grafismos rupestres.

A área hoje é ocupada por pastagens de gado. Dentro dessas fazendas, bolsões de mata são mantidos e servem de abrigo para inúmeras espécies de animais, como a paca (*Cuniculus paca*), a queixada (*Tayassu pecari*), o teiú-branco (*Tupinambis teguixin*) e a suçuarana (*Felis concolor*). Dessa forma, imagina-se quão abundante era a caça nestas terras em épocas pré-coloniais. As pastagens são constituídas nas áreas planas e como os sítios de arte rupestre ocorrem nas áreas rochosas, ligeiramente mais inclinadas, se apresentam preservados e envoltos por cinturões de mata.

OS GRAFISMOS RUPESTRES

Em artigo anterior (AGUIAR *et al*, 2012), constatou-se que por amplas faixas dessa área de transição entre a planície pantaneira e as terras altas do complexo serrano sul-mato-grossense ocorrem grafismos rupestres cujas características estilísticas nos permitem associá-los à tradição Planalto. Seriam pinturas monocromáticas, com predominância do vermelho, representando animais da fauna local. Esta situação não pode ser entendida como uma regra, já que uma enorme quantidade de sítios de arte rupestre no Mato Grosso do Sul ainda não foi registrada pela arqueologia. Contudo, não se pode negar que existe uma expressiva quantidade de grafismos para a região centro-norte do estado que se enquadram nestas características gerais da tradição Planalto.

No caso específico do Taboco, estes grafismos também vão ocorrer, mas associados a uma variedade representações e estilos. A monocromia aqui terá mais frequência nas figuras em cor branca. Associados a essas figuras aparecem repetidamente os antropomorfos, mais raros na

tradição Planalto. Também aparecem símbolos geométricos, incluindo figuras em espiral, ocorrências incomuns nas terras altas sul-mato-grossenses.



Figura 1: Aspirais associadas a sáurio.

Nesta primeira etapa da pesquisa, foram registrados três sítios arqueológicos, mas segundo informações há mais sítios nos arredores. A equipe foi guiada aos sítios pela professora e bióloga Duca Andrade, que desenvolve trabalhos de pesquisa ambiental pela Fundação Quinta do Sol, como a observação e monitoramento de espécimes de queixada nas áreas das fazendas locais. Dos três sítios registrados, um está no interior de uma caverna (Caverna Grande), outro ocorre nos abrigos contíguos a outra caverna (Caverna das Abelhas) e o terceiro cobre a área de um abrigo aparentemente fora do contexto de caverna (Abrigo do Chapéu).

O sítio da Caverna Grande enquadra-se perfeitamente na categoria de tradição Planalto. São representações de animais, especialmente quadrúpedes. Os grafismos, em tom vermelho, são sempre de pequena dimensão. Não há ocorrência de antropomorfos e os animais estão arranjados isoladamente, com exceção de uma tríade de cervídeos. Alguns dos quadrúpedes aparecem em posição de bipedismo, como se lhes fossem conferidos atributos antropogênicos.

A arte rupestre foi executada bem no interior da caverna, cuja entrada se dá por meio de dois maciços de rocha de tamanho impressionante. Diferentemente do que foi registrado até agora para o restante da região centro-norte do estado, as pinturas neste local ocorrem mais ao interior da caverna, em áreas escuras.



Figura 2: Caverna Grande, pinturas típicas da tradição planalto executadas em zona de penumbra.

No sítio da Caverna das Abelhas, os grafismos foram executados nos abrigos contíguos. A cor predominante é a branca, mas algumas figuras possuem uma diferenciação de tonalidade que as aproxima do dourado. Também aparecem grafismos em amarelo. Há uma grande confusão de estilos, onde representações animalistas compartilham espaço com elementos geométricos e figuras antropomórficas. No terceiro painel deste sítio há uso de bicromia entre o branco, o vermelho e o amarelo-dourado, que foram combinados intencionalmente. Cenas de caça dão movimento aos motivos, onde aparecem os grandes felinos. A magnificação de animais já foi registrada em sítios da tradição Nordeste e em alguns casos associada a representações de espécies de megafauna pleistocênica (MARTIN, 2005). É tentador traçar uma analogia entre a megafauna pintada na tradição Nordeste com os motivos que ocorrem na região do Taboco,

contudo esta operação ainda seria meramente especulativa, mesmo porque este megamorfismo pode ser apenas um recurso estilístico. De todas as formas, trata-se de uma questão a ser averiguada com o adensamento da pesquisa combinada a escavações arqueológicas que permitirão sustentar cronologias. Mesmo porque a presença de megafauna no estado de Mato Grosso do Sul é constatada na transição para Holoceno, entre 15 e 12 mil anos atrás, datas muito próximas às registradas pela arqueologia para as primeiras ocupações humanas.



Figura 3: Grande felino em um painel que parece representar uma caçada.

O terceiro sítio registrado foi o Abrigo do Chapéu. Recebe esse nome em função de uma figura antropomórfica que parece portar um chapéu. Aqui também há predominância do branco, mas com motivos policrômicos, onde figuras são compostas pela associação do branco com o vermelho. Além dos quadrúpedes, como tatus e felinos, aparecem antropomorfos e aves. No painel central, uma elaborada cena de caça foi representada, ocupando as três seções de uma rocha. Em destaque nesse painel estão dois enormes antropomorfos, que muito se assemelham aos bonecos da tradição Agreste. Contudo, se na tradição Agreste predominam as figuras humanas isoladas, onde raramente se representam cenas narrativas (PESSIS, 2003), no sítio do Abrigo do Chapéu há ocorrência de múltiplos antropomorfos associados em cena de grande expressividade narrativa. Marcações em forma de pontos alinhados delimitam setores do painel, dividindo em tópicos a narrativa ali expressada.



Figura 4: Antropomorfos cujas características lembram os “bonecões”, representações da tradição Agreste.

DISCUSSÃO ACERCA DOS DADOS

A grande profusão de estilos presente nesta região centro-norte de Mato Grosso do Sul nos leva a questionar as chaves classificatórias tradicionais. Na região do Taboco é possível registrar em um único complexo rupestre uma diversidade estilística como em poucas regiões do Brasil se teve notícia. Tradicionais grafismos enquadrados na tradição Planalto coexistem com motivos que lembram a tradição Agreste, como os bonecões, porém aqui inseridos em dinâmicas cenas de caça, o que normalmente não ocorre nesta tradição. Acerca dos bonecões, Gabriela Martin comenta o seguinte: “Grafismo emblemático da tradição Agreste é a figura de um antropomorfo, às vezes de grande tamanho (pode atingir mais de um metro de altura) de aspecto grotesco, estático e geralmente isolado, assemelhando-se a uma figura totêmica” (MARTIN, 2005, p. 271). Os antropomorfos deste painel do Abrigo do Chapéu apresentam em parte as características descritas para a tradição Agreste, contudo com muitas particularidades, como a presença de múltiplos antropomorfos na cena, onde há uso de movimento e policromia.

Elementos geométricos estão associados a sáurios, num estilo mais presente entre os petroglifos. Onças aparecem repetidamente, o que não acontece nos complexos rupestres do

vizinho município de Rio Negro. Predomina ainda a monocromia em tom branco, contudo vários grafismos policrômicos foram registrados. Além das cores tradicionais, como o branco, o vermelho e o amarelo, há um painel cujos motivos foram obtidos por uma combinação rara de tom, não totalmente amarelo, parecendo mais com o dourado.

Esta grande confusão estilística traz à tona as atuais críticas que os arqueólogos levantam acerca das tradicionais chaves classificatórias. De acordo com os estilos as manifestações rupestres são classificadas em tradições, um modelo que permite ordenamento do conteúdo levantado nas pesquisas arqueológicas em arte rupestre. Contudo, a diversidade e a ampla faixa de ocorrência de estilos, que vão do Nordeste ao Brasil Central, bem como a incidência de muitas particularidades, fez com que críticas fossem levantadas contra este sistema classificatório. Se antes as chaves eram uma obrigatoriedade, uma tábua de salvação que permitia ao arqueólogo inserir os sítios por ele cadastrados em um contexto maior, hoje estas fontes de classificação começam a ser abandonadas. Particularmente, nem tanto ao céu e nem tanto a terra. Todo radicalismo leva a desprezar conteúdos relevantes. A crítica deve existir sim, mas os modelos não precisam ser de todo rejeitados.

As chaves são orientações, ou seja, auxiliam o arqueólogo a classificar estilisticamente o conteúdo levantado. A partir das chaves de classificação é possível inserir o material rupestre levantado em um contexto mais amplo, de caráter nacional. As características estilísticas podem ser compartilhadas por diferentes grupos étnicos, assim sendo, as classificações não são recursos para a busca de uma filiação étnica. São moldes estilísticos, que podem sim ou não representar continuidade étnica. Contudo, estabelecer esta relação entre arte rupestre e grupos étnicos nos é, hoje, impossível. Assim sendo, temos os quadros, mas nem sempre os autores. Mesmo quando é possível estabelecer relação entre um sítio de arte rupestre e os restos materiais oriundos de uma escavação – o que é raro – não necessariamente se pode estabelecer este panorama como um padrão de referência para outras manifestações regionais ou nacionais.

No caso da arte rupestre de Taboco, a variação e estilos e a dificuldade em analisar as sobreposições levanta um parábola arqueológica. Diferenças na técnica de elaboração e nos motivos sugerem que estes grafismos possam ter sido feitos por diferentes sociedades e quiçá distanciadas cronologicamente. Não obstante, as diferenças estilísticas também aparecem junto a motivos associados em um mesmo painel e que parecem ser contemporâneos, fato que

sustenta interrogações e impede uma imediata proposta de cronologia e de dinâmicas de ocupação.

Respostas concretas só poderão ser obtidas a partir do momento em que os sítios de habitação forem escavados. Este, sem dúvida, é o maior desafio para a arqueologia brasileira, ainda tão carente de recursos financeiros para pesquisas puramente acadêmicas. Jovens arqueólogos encontram dificuldades colossais para angariar auxílios junto aos órgãos de fomento e instituições apoiadoras. Dessa forma, artigos como esse são importantes, pois trazem estas particularidades regionais para o contexto nacional e permitem que outros arqueólogos se interessem pelos sítios retratados, aumentando a possibilidade de pesquisas elucidativas com apoio a escavações arqueológicas.



Figura 5: Tríade de cervídeos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos concluir é que as pinturas rupestres do Taboco ora ocorrem em cavernas, ora em abrigos, mas sempre em locais abrigados da chuva e do sol a pino. Além desta rica profusão de estilos, as técnicas de elaboração demonstram diferenças significativas no tipo de pigmento e na espessura da tinta, que em alguns painéis parece ter sido obtida a partir de

uma textura mais pastosa e em outros por meio de tinta mais líquida. Como resultado, alguns motivos tiveram melhor fixação na rocha que outros. Os motivos variam de animais isolados a cenas de caça e da vida animal, como tríades de cervídeos em deslocamento ou caçadores acuando uma presa.

Não se pode afirmar com segurança que a liberdade estilística deste complexo rupestre reflete diferentes períodos de ocupação, ainda porque este fenômeno está presente em painéis associados que parecem ter sido executados contemporaneamente. O sítio que apresenta mais particularidades estilísticas é o da Caverna Grande, cujos motivos são os típicos da tradição Planalto, muito similares àqueles registrados no vizinho município de Rio Negro. Os outros sítios combinam características de diversas tradições arqueológicas, como a Planalto, a Agreste e a Nordeste, sendo estas duas últimas inesperadas em terras tão austrais. Esta situação é justamente aquela que leva os arqueólogos a criticarem as tradicionais chaves de classificação, ordenadas pelo conceito de “tradição”. Contudo, ao encararmos estas chaves de classificação como instrumentos de orientação, acabam elas sendo muito úteis para inserir o contexto local no cenário nacional por meio de uma linguagem uniforme.

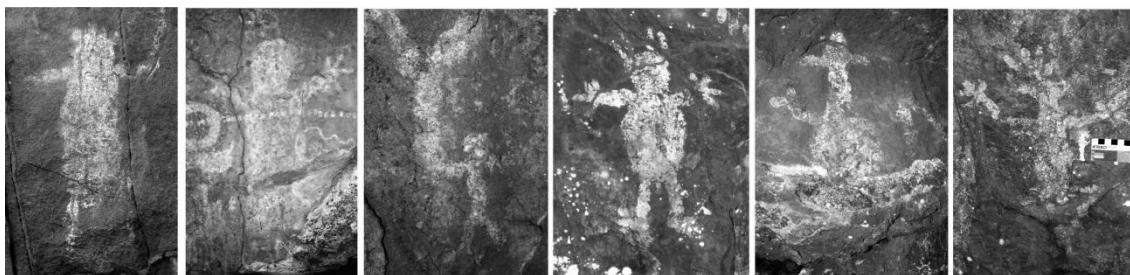


Figura 6: Tipos de antropomorfos que ocorrem no complexo rupestre estudado.

Com o adensamento das pesquisas na região do Taboco, além do registro de outros sítios arqueológicos no mesmo complexo rupestre, espera-se que seja possível estabelecer as primeiras propostas de diacronismo, seja por meio da análise das sobreposições – que ainda são poucas – ou pela associação com a cultura material de sítios de habitação estabelecidos na área em questão.

AGRADECIMENTOS

À professora Duca Andrade, do Instituto Quinta do Sol, e ao Projeto Queixada da WCS Brasil, responsáveis pela localização de sítios de arte rupestre na região do Taboco. Ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados pela concessão de diárias que permitiu custear parte dos trabalhos de campo. À Prefeitura de Rio Negro através da figura do Sr. Reginaldo, que nos concedeu alojamento em hotel.

Créditos fotográficos: Rodrigo Aguiar

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar

Docente do Programa de Pós-graduação em Antropologia – PPGAnt/UFGD.

Keny Marques Lima

*Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados
– PPGAnt/UFGD.*

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. L. S.; LIMA, K. M.; FREITAS, L. G. Continuidades e transformações nas manifestações rupestres da tradição Planalto em Mato Grosso do Sul, Brasil: o caso das pinturas rupestres do município de Rio Negro. *Revista Diálogos*, Vol. 16, N. 3, 2012.

SCHMITZ, P. I. A evolução da cultura no Sudoeste de Goiás. *Pesquisas*, Série Antropologia, n. 31. São Leopoldo: IAP, 1980.

SCHMITZ, P. I. Caçadores-coletores do Brasil Central. In. TEMÓRIO, M. C. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. Pp. 75-88.

SCHMITZ, P. I. *Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul*. Palestra de abertura do XIII Congresso da SAB de 2005. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 2005. Disponível em: <<http://www.anchietano.com.br>>

MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora da UFPE, 2005.

MARTINS, G. R. ; KASHIMOTO, E. M. *12.000 anos: Arqueologia do povoamento humano no nordeste de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande - MS: Life Editora, 2012.

PESSIS, A. M. *Imagens da Pré-história*. Parque Nacional da Serra da Capivara. São Raimundo Nonato: FUNDHAM/Petrobrás, 2003.